

## Francesco

Francesco é um longa-metragem dirigido por Liliana Cavani, lançado em 1989, que narra a história de São Francisco de Assis. O filme inicia com sua morte em 1226, mostrando um grupo de amigos franciscanos próximos e Clara escrevendo a biografia de Francisco. A partir daí, assistimos a vários momentos importantes da vida do personagem. De jovem rico à experiência da guerra e da prisão, o encontro com um leproso, a renúncia à herança do pai e a vida com os miseráveis e leprosos. A experiência mística e a mudança após o encontro com Jesus crucificado na igreja de São Damião, as dificuldades do início do movimento franciscano, a aprovação do Papa, os conflitos no interior do grupo que fundou e o aparecimento dos estigmas (ferimentos causados em Jesus Cristo no momento da sua crucificação) em seu corpo são outros dos marcos do filme. Francisco foi canonizado pelo Papa Gregório IX em 1228, dois anos após a sua morte. Morreu “no despojamento total. Roma pretendeu servir-se no seu projeto de dominação temporal, desse homem que tivera a força e a coragem de retomar as palavras simples, as palavras nuas do Evangelho e de a elas conformar plenamente sua vida” (DUBY, 1993, p. 78).

São Francisco de Assis é um personagem central para a história da Igreja. Ele é descrito em documentos de época como um homem que seguiu “ao pé da letra” as mensagens do Evangelho, sendo referenciado em textos hagiográficos (vidas dos santos) como o primeiro de que se tem notícia a ter recebido os estigmas semelhantes aos de Cristo. Por ser um modelo de santidade nos séculos XII e XIII e um importante percussor da nova cristandade que se formava, a história de sua vida é fundamental para se estudar a cultura e a sociedade nas quais estava inserido.

Existem poucos documentos sobre Francisco escritos por seus contemporâneos, as hagiografias que permanecem foram produzidas por religiosos, sendo a mais conhecida e considerada oficial pela Igreja “A vida e os milagres de São Francisco de Assis”, de São Boaventura, escrita por volta de 1260 e ordenada pela Ordem Franciscana. A hagiografia de Boaventura influenciou a construção da imagem do santo que conhecemos hoje nas obras de arte e no cinema, e aspectos dela estão presentes no filme Francesco. Segundo Le Goff (2007), a hagiografia de Boaventura sobre São Francisco veio com o objetivo de não haver mais divergências sobre a visão que se tem do santo, ou seja, foi redigida com o objetivo de construir uma imagem única e angelical dele. Logo, a maior parte das informações que temos sobre Francisco foram escritas por monges e bispos, e as imagens construídas fazem parte das estratégias de evangelização. É com esse olhar que deve ser lido o filme Francesco.

Na primeira parte do filme, conhecemos a vida adulta de Francisco na cidade onde nasceu, Assis, na Itália. Ele é filho de Pietro e de Giovanna Bernardone, ricos comerciantes de tecidos. Le Goff (2007) confirma essas informações de que Francisco estava inserido no meio burguês, com grande patrimônio, boas vestes, educação e

cultura. Na representação fílmica e em Le Goff (2007), ele é descrito como um homem solteiro comum, alegre, cheio de amigos, que bebia em tavernas, jogava e desfrutava de prazeres carnis com mulheres, ou seja, não nasceu santo ou predestinado à santidade. Em ambas as narrativas, seu pai, como um comerciante rico, esperava que o filho assumisse os negócios da família ou se tornasse cavaleiro por meio da guerra.

Na historiografia e no filme, incentivado pelo seu pai a se integrar na vida da nobreza, Francisco participou dos conflitos da Comuna de Assis contra Perugia. No período, a região passava por inúmeras revoltas dos crescentes grupos mercantis contra a nobreza vigente, pois o poder dos senhores feudais passou a ser questionado e enfrentado pelos novos senhores, originários das comunas, a maioria deles constituída pelos comerciantes mais abastados. Nesse conflito, com a vitória de Perúcia, Francisco foi preso e assim ficou durante um ano.

Não se sabe exatamente quando Francisco tomou contato com o Evangelho, mas no filme isso ocorre durante o encarceramento, quando lê o livro de São Mateus traduzido para o italiano. É a partir daí que o espectador percebe as mudanças na personagem, que passa a questionar suas ambições e seus objetivos de vida. Após a libertação da prisão, percebemos metamorfoses notáveis em sua personalidade. A película mostra essas transformações simbolizadas em seu encontro com um leproso na cidade de Assis. Nesse momento, Francisco não sente repulsa pela lepra, abraçando-o e beijando-o. Francisco não só toca em um leproso, mas o beija, o que demonstra sua transição entre o humano e o santo, assemelhando-se à imagem de Jesus Cristo. Segundo Georges Duby (1993), São Francisco “Foi, como Cristo, o grande herói da história cristã.” A partir desse momento, Francisco passa cada vez mais tempo com os leprosos e miseráveis que viviam nas proximidades da igreja de São Damião, local central no filme e nas biografias de Francisco.

A lepra foi uma doença que causou muito medo e asco na Idade Média. O próprio termo “leproso” se tornou sinônimo de rejeitado. No medievo essa reação derivava em parte das deformidades físicas, das feridas supurativas e do odor mefítico causados pela doença. Mas emanava mais ainda da certeza reconhecida de que a lepra era sinal externo e visível de uma alma corroída pelo pecado. A Igreja era a principal instituição medieval preocupada com a criação de hospitais, leprosários e com a proteção dos leprosos, que eram tratados com compaixão e assistência. Existem, na iconografia medieval, inúmeras representações de santos cuidando, lavando e beijando leprosos, como São Francisco de Assis, por exemplo. Mas isso é um reconhecimento invertido do sentimento popular de repulsa e medo. É a própria repugnância da doença que confirma a santidade dos santos em enfrentá-la.

Francisco começa a frequentar diariamente a igreja de São Damião, que se encontra em ruínas, e essa experiência marcará a sua vida. No filme, numa cena emocionante, Francisco abraça a imagem do Cristo crucificado que estava na igreja e ali ele tem uma experiência mística com Deus que o pede para restaurar a casa dele que está em ruínas. Essa narrativa está em consonância com a hagiografia do santo

escrita por Boaventura. Esse episódio é muito importante para a construção da santidade de Francisco e como símbolo de que essa restauração não se restringia apenas à reconstrução física daquela igreja, mas se estendia às mudanças na mentalidade da Igreja da época, que deveria retornar à simplicidade da vida apostólica do Novo Testamento e refletia uma insatisfação com a prática religiosa tradicional.

O fato de Francisco conviver com os leprosos e miseráveis leva seu pai ao desespero e à vergonha na comunidade. Em uma cena, vemos que o personagem vendeu os ricos tecidos da família e doou o dinheiro aos pobres e leprosos. Esses eventos fizeram com que o pai levasse Francisco a julgamento no bispado para que ele devolvesse todo o dinheiro que, segundo o pai, “roubou e esbanjou”. Tanto no filme como na hagiografia de Francisco produzida por Boaventura, durante o julgamento público, o santo, em um ato de total humildade e desapego, fica nu, renuncia aos bens e ao nome da família e diz que, a partir daquele momento, só teria um Pai, o Celeste. Segundo Vauchez (1995), o fato de ele ter ficado nu é simbólico, significando que ele “seguiu nu o Cristo nu”. Com ele, pela primeira vez na história do cristianismo, a vida religiosa deixa de ser concebida como uma contemplação do mistério de Deus e passa a ser concebida antes como uma imitação de Cristo ou, melhor ainda, com a busca de uma conformidade sempre mais estreita com o seu exemplo e a sua pessoa.

Francisco passa a viver junto aos pobres e leprosos próximos à igreja de São Damião, começando a reconstruí-la com as próprias mãos e, para se alimentar, recorre à mendicância na cidade de Assis. No filme, em várias cenas, vemos Francisco ser enxotado e hostilizado por moradores da cidade. Em um momento dramático, lhe é oferecida comida podre, restos que seriam dados para os cachorros e ele aceita e come. Quase toda a cidade o considera louco, mas Francisco inspira algumas pessoas espontaneamente pelo seu modo de vida. No filme, um círculo de amigos ricos e próximos abandonam todos os bens e vão viver com ele na pobreza extrema, seguindo à risca o ensinamento do evangelho, em específico o que diz: “sem túnicas, sem bastão, sem sandálias, sem provisões, sem dinheiro no bolso [...]” (Lc. 9,3). No filme, essa é uma das passagens bíblicas que Francisco aparece lendo para os amigos. Bolton (1985, p. 19) sublinha que Francisco não é um caso isolado; ao longo dos séculos XII e XIII, a vida de Cristo e seus apóstolos passaram a ser exemplos para a salvação. Essa mentalidade, nesses períodos, estava tão difundida entre os que viviam nos mosteiros e mesmo entre os leigos, que marcou um ponto de virada importante na espiritualidade medieval. Assim, ainda segundo Bolton (1985, p. 22), os dois aspectos que, em termos da vida apostólica, se realçavam eram a vida comunitária e a pobreza voluntária, mas pô-las em prática, como Francisco fez, não era fácil.

Na película, é mostrado o início do movimento dos mendicantes. Esse movimento é denominado “Fraternidade dos Irmãos Menores”, composto por franciscanos que se abrigaram em um pico no Vale do Rivortorto e ali permaneceram, fazendo suas preces e cuidando dos leprosos. Segundo Vauchez (1995, p. 127), do ponto de vista institucional, a originalidade de Francisco residiu em sua vontade de levar uma vida pobre e errante, a exemplo de Cristo e dos apóstolos, que se traduziu

por uma recusa extraordinária em possuir bens não só individualmente – o que já era o caso dos monges – mas também coletivamente.

Vemos, no filme, em acordo com as informações históricas, que rapidamente o número de franciscanos cresce, o que chama a atenção do Papado. Assim, Francisco obtém do papa, Inocêncio III, a aprovação para pregar nas igrejas e em todos os lugares que deseje. Segundo Bolton, os franciscanos conseguiram tantos adeptos que, em 1217, tomaram a decisão de se estabelecerem fora da Itália, em países como França, Germânia e Espanha e na cidade de Jerusalém (1983, p. 82). O acolhimento pela Igreja se deu pelo fato de que Francisco não tinha o objetivo de desafiá-la ou desobedecê-la, além de pregar e espalhar o cristianismo pela Europa. No entanto, a rápida expansão dos franciscanos causou o aparecimento de conflitos no interior do grupo, pois Francisco se recusava a toda a forma de apropriação, de acordo com Vauchez (1995, p. 128). O santo vivia à imagem de Cristo, “que não tinha onde repousar a cabeça” (Mt.8,20), e defendia que todos os franciscanos, independentemente da classe social, estivessem reunidos em pé de igualdade.

Numa determinada cena, os conflitos ficam claros quando Francisco destrói o telhado de uma casa dada aos franciscanos pela comuna de Assis, e sofre críticas de grande parte do grupo; um franciscano fala: “temos idosos, nobres e professores, quer que durmam no relento?”, outros gritam “queremos regras, disciplina, hierarquia”, outros dizem “queremos formação teológica e jurídica”. Em outra cena, numa conversa entre franciscanos e um enviado papal, é exposto que querem uma sede, bem como ocupar cargos nas instituições de poder à época, mas Francisco se recusa. O enviado do papa conversa com Francisco para que seja menos rígido e não peça o impossível. É um momento dramático do filme, pois o personagem chora, institui um novo líder e decide se isolar e meditar nas montanhas. Bolton (1983, p. 83) afirma que, em 1220, religiosos de fora do movimento, como Jacques de Vitry, também criticavam mais abertamente a falta de preparação no movimento franciscano, por considerarem perigoso enviar para pregar no mundo jovens sem preparação, que precisavam de um período probatório e de disciplina conventual. É ainda durante esse período, em 1220, que Bolton assevera que o desenvolvimento da ordem foi retirado de Francisco e, cerca de 1260, 34 anos após a morte do santo, o movimento estava radicalmente alterado: a ordem franciscana acumulava inúmeros bens e riquezas, encontrando-se profundamente envolvida nas universidades e em cargos institucionais (BOLTON, 1983, p.84).

Na cena final do filme, após vários dias nas montanhas, doente, chorando e pedindo que Deus falasse novamente com ele, Francisco recebe os estigmas de Cristo, pois, além das feridas em suas mãos e pés, ele também carregava a ferida em seu tronco que se assemelhava à de Jesus Cristo, como se tivesse sido atravessado por uma lança. Segundo a hagiografia de Boaventura, esse episódio ocorreu por volta de 1224, ficando Francisco com as marcas dos estigmas durante dois anos, até a sua morte. Escondia as marcas com vergonha e gratidão, não conseguindo disfarçá-las por muito tempo, pois seus seguidores logo viram o seu estado de saúde e a causa do seu

sofrimento. Segundo Vauchez (1995, p. 132), essa narrativa demonstra uma vontade de apresentar o Pobre de Assis como um “segundo Cristo” (*alter Christus*), cuja santidade e conformidade com o seu divino mestre eram comprovadas por essas chagas de origem divina.

Ainda segundo a narrativa de Boaventura, o corpo de Francisco viria a falecer aos poucos, devido aos estigmas. Mesmo vivendo em dor constante e em fraqueza, não interrompeu o seu trabalho evangelizador. Continuava a pregar a palavra aos pobres e a se dedicar à cura dos leprosos até a sua morte, em 1226, aos 45 anos de idade.

O filme também trata de Clara de Assis, de linhagem nobre e rica, que abandona seus bens por seu desejo de viver a religião nos moldes franciscanos, tornando-se a primeira mulher a seguir os ideais de Francisco. Ela foi abadessa da comunidade de São Damião, primeiro convento feminino franciscano, reunindo as religiosas que eram conhecidas como Damas Pobres, ou clarissas. O relacionamento de Francisco com Clara – no filme, a prima de um de seus seguidores – é retratado como emblemático na transformação do santo. Nesse sentido, ela ocupa uma posição de protagonismo na vida de São Francisco.

### **Referências Bibliográficas**

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: edições 70, 1983.

SANTOS, Vitória Carvalho Amaral. Análise Iconográfica das Iluminuras da fonte “A Vida e os Milagres de São Francisco de Assis” (1224-1226) e Comparação entre as Hagiografias de Tomás de Celano e São Boaventura. **Trabalho de Conclusão de Curso**, Departamento de História, Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26393/1/2019\\_VitoriaCarvalhoAmaralSantos\\_tc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26393/1/2019_VitoriaCarvalhoAmaralSantos_tc.pdf). Acessado em: 20 ago. 2021.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.